

A PERSISTÊNCIA DAS TRADIÇÕES EM ZONAS DE INTERESSE ARQUEOLÓGICO



Elvis
Pereira
Barbosa¹

A pesquisa em Arqueologia consegue nos revelar algumas surpresas agradáveis, como por exemplo a que senti durante os trabalhos de campo que realizava no município de Igrapiúna, próximo a Camamu (BA). O trabalho realizado naquela comunidade diz respeito à localização, identificação e registro de sítios arqueológicos. Diferentemente, portanto, da pesquisa normal em um sítio arqueológico, nesta modalidade, o material encontrado durante as explorações não é retirado do campo;

¹Mestre em Arqueologia, Professor de Introdução à Arqueologia, no Curso de História da UESC.

ele continua no seu local de origem. Faz-se apenas o registro do sítio, colocando na ficha de campo os dados mais importantes, como localização geográfica, tipo de material arqueológico encontrado (material cerâmico, material lítico, estruturas muradas, pinturas rupestres), proprietário da área e algumas outras informações complementares.

Em Igrapiúna, alguns sítios vêm nos chamando a atenção devido a um detalhe singular que não diz respeito ao aspecto físico do objeto de estudo da Arqueologia – a cultura material – mas, sim, ao seu aspecto antropológico, que também é importante para os arqueólogos. O detalhe ao qual me refiro é o aspecto comunitário encontrado em torno de algumas fábricas de farinha de mandioca, as chamadas “casas de farinha”, tão comuns naquela região.

Igrapiúna, Camamu e toda a área que se estende do norte de Ilhéus até as proximidades do rio Jaguaripe faziam parte da antiga Capitania de São Jorge dos Ilhéus. Uma das características marcantes desta área, mais ao norte da antiga Capitania, era o abastecimento de gêneros alimentícios para a capital da Colônia, a cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, conforme o relato de alguns cronistas do passado, a exemplo de Vilhena, Soares de Souza, Gândavo, entre tantos outros. Neste senti-

do, a produção de farinha de mandioca na região já era bastante comum, primeiro através das missões indígenas, montadas pelas diversas ordens católicas que vieram para o Brasil, com a finalidade de catequizar “os selvagens” da terra Brasilis.

Com a introdução dos povos de origem africana para a realização do trabalho escravo nas lavouras de cana-de-açúcar, os indígenas foram, aos poucos, sendo expulsos na direção do interior do país, ou então, completamente dizimados através da perseguição, ou por doenças e, desta forma, dá-se a substituição da população nativa pela de origem africana. Hoje, o contingente de negros nesta região chama bastante a atenção. Neste sentido, algumas práticas comunitárias ainda persistem, como o mutirão e a posse coletiva de imóveis.

Ao realizar o registro de um sítio arqueológico na propriedade do Sr. Fábio da Hora, observei uma barragem que estava registrando como de interesse arqueológico, ainda em funcionamento, e bem próximo do local existe uma *casa de farinha* em plena atividade. O engenho ainda guarda as suas características originais: a *roda d'água*, feita em madeira; a pren-



sa, com parafuso-de-arquimedes também em madeira; o ralador de mandioca, movimentado pela roda d'água e, bem no centro, um forno feito de tijolos, para torrar a farinha. Tudo ainda funcionava de maneira perfeita, como no século passado.

A casa de farinha e o terreno onde ela está localizada pertencem ao Sr. Fábio da Hora. A produção de farinha é realizada na forma de um imenso mutirão. Diversos pequenos produtores de mandioca das proximidades da propriedade do Sr. Fábio trazem a sua produção para realizar o beneficiamento naquele engenho. A forma de produção é através do mutirão, onde todos participam das diversas etapas, sendo que cabe aos homens a realização das tarefas mais pesadas, como carregar a mandioca até o local do engenho, colocar a roda d'água em funcionamento e prensar a mandioca, enquanto as atividades que cabem às mulheres são: ralar a mandioca, fazer o preparo da massa, lavar a massa e realizar a torrefação da farinha.

Enquanto torram a farinha, algumas mulheres cantam e outras tomam conta das crianças. A forma de pagamento pela utilização do equipamento é uma parte da produção de farinha que, no final, é dividida por todos. Perguntado sobre a produção média do engenho, o Sr. Fábio informou que chega a quatro sacas por semana – 240 kg aproximada-

mente – o que é algo considerável, quando se observa o tamanho do local e principalmente a sua localização, completamente distante da zona urbana. O mais importante é que a tradição ainda persiste nestas localidades, distante dos grandes centros urbanos.

Continuando com os trabalhos em Igrapiúna, tenho observado outras diversas casas de farinha, onde a sistemática de trabalho é a mesma e o maquinário continua inalterado.²



²Agradeço à Prefeitura Municipal de Igrapiúna, através da Sra. Maria do Rosário Dócio Seixas, Diretora de Cultura do município, que tem nos apoiado nos trabalhos de localização e identificação dos sítios arqueológicos de Igrapiúna.

